



Abílio Manuel Guerra Junqueiro nasceu em Freixo de Espada-à-Cinta em 17 de Setembro de 1850 e faleceu em Lisboa, em 7 de Julho de 1923. Era filho de José António Junqueiro Júnior, negociante e lavrador, e de sua mulher, Ana Maria do Sacramento Guerra. A família era tradicionalista e religiosa. Ficou órfão de mãe aos 3 anos de idade, o que deixou alguns sinais na sua poesia, como no célebre passo «Minha mãe, minha mãe, ai que saudade imensa...» de “Aos simples”, o poema inicial de A velhice do Padre Eterno.

Certos traços fisionómicos e até comportamentais de Guerra Junqueiro têm desencadeado alguma discussão sobre a sua possível origem semítica. Mário Saa, Manuela de Azevedo e António Sardinha – este de forma aliás bastante deselegante – não duvidam dela. O Abade de Baçal admite que tenha sangue judeu por parte da mãe. Francisco Fernandes Lopes nega, afirmando que era antes cigano.

Casou em 10 de Fevereiro de 1880, em Viana do Castelo, com Filomena Augusta da Silva Neves, de quem teve duas filhas, Isabel Maria e Júlia Francisca. (A primeira casou com Luís Pinto de Mesquita Carvalho e com ele instituiu a Fundação Maria Isabel Guerra Junqueiro e Luís Pinto de Mesquita, com sede no Porto, na Casa-Museu de Guerra Junqueiro.)

Fez estudos preparatórios no Porto, após o que, em 1866, se matricula no Curso de Teologia da Universidade de Coimbra. Todavia, a falta de vocação religiosa levou-o a seguir o Curso de Direito, que concluiu em 1873. A entrada na vida activa faz-se pela porta do alto funcionalismo público, tendo sido secretário do Governo Civil de Angra do Heroísmo e, depois, de Viana do Castelo. Mas breve opta pela vida política, a que se entregou com grande entusiasmo. (Dela se queixará mais tarde, aludindo às perturbações que ela trouxe à sua obra: «Se não fosse a infernal política, eu teria feito com ele [Prometeu libertado] um dos maiores poemas contemporâneos.»). Eleito deputado por Macedo de Cavaleiros, filia-se no Partido Progressista, então na



oposição, e consegue ser novamente eleito deputado em 1880, desta vez por Viana do Castelo, e 1890 por Quelimane, Moçambique.

Guerra Junqueiro, vivendo então em Lisboa, integrou o célebre grupo dos Vencidos da Vida, criado em 1888, que juntava algumas das principais personalidades da vida literária e intelectual, como Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins e António Cândido.

Após o Ultimato Inglês de 1890, afasta-se gradualmente do grupo e adere à ideia republicana, em que julga estar a salvação do país. Desenvolve então intensa actividade de propaganda da república, em panfletos corrosivos e discursos demolidores, que correm lado a lado com a publicação de livros como *Finis Patriae* e *Pátria*. Pode dizer-se que a acção de Guerra Junqueiro foi uma das principais alavancas que levaram à queda do regime monárquico em 1910.

Uma vez implantada a República, é nomeado em 1911 ministro plenipotenciário em Berna, onde permanece até 1914. Abranda entretanto o seu ímpeto combativo e, no momento em que se pretende escolher uma nova bandeira para Portugal, bate-se (debalde) pela manutenção das cores azul e branca da bandeira monárquica, substituindo naturalmente a coroa real por uma esfera armilar.

Lado a lado com a acção política e a produção literária, torna-se viticultor na sua Quinta da Batoca, próximo de Freixo de Espada-à-Cinta. Vai ao mesmo tempo constituindo uma magnífica colecção de peças de artes decorativas e bric-à-brac.

Guerra Junqueiro foi um poeta precoce. Se descontarmos as incipientes Duas páginas dos catorze anos, de 1864, e a colaboração na famosa Folha, de João Penha, o seu primeiro livro, *Mysticae nuptiae*, ainda ao gosto ultra-romântico, é de 1866, tinha o jovem poeta 16 anos e frequentava o primeiro ano do curso de teologia. Aí se iniciou uma bibliografia extensa, onde coexiste a poesia com a prosa. A prosa, em livros como *Horas de combate*, de 1924, ou *Prosas dispersas*, de 1921, é geralmente a defesa dos ideais republicanos, da liberdade e das grandes causas da época. Já a poesia apresenta registos muito diversos. Lado a lado com diatribes violentíssimas, há obras de um lirismo singelo e comovente, e outras onde o autor põe a nu um certo misticismo, panteísmo e simpatia cósmica.

«Junqueiro foi um dos poetas portugueses mais ricamente dotados. A sua lira não era monocórdica. O seu talento rebrilhava em múltiplas facetas. Era um



lírigo, um bucólico, um satírico, um épico, um místico. Tanto ria em sarcasmos corrosivos como orava com fervorosa piedade.» (Luís de Magalhães, pref. ao Prometeu libertado)

Considera-se por vezes a sua produção poética determinada por dois impulsos distintos:

Um desses impulsos é o da poesia virulenta, panfletária, empenhada em regenerar o mundo, profligando três males: a dissolução moral, personificada no libertino D. João (A morte de D. João, de 1874); a igreja católica, com os seus dogmas e os seus clérigos mais ou menos obtusos (A velhice do Padre Eterno, de 1885); e a monarquia, corrupta e opressora (Finis Patriae, de 1891, e Pátria, de 1896; Fernando Pessoa considerou este último «não só a maior obra dos últimos trinta anos, mas a obra capital do que há até agora da nossa literatura. Os Lusíadas ocupam honradamente o segundo lugar.»).

Corresponde à fase mais juvenil e combativa da sua vida.

O outro impulso é o da poesia apaziguada, bucólica, fresca, por vezes tingida de misticismo e panteísmo. É o caso de livros como A musa em férias, de 1879, Os simples, de 1892, que o autor considerava o seu melhor livro, e as Orações: Oração ao pão, de 1903 e Oração à luz, de 1904. Este impulso corresponde à idade mais madura, em que se vão operando nele transformações como a «reconstrução espiritualista» de que fala Leonardo Coimbra. Sobre A velhice do Padre Eterno, por exemplo, o poeta confidenciara a João Grave, já próximo da morte: «Hoje, não o escreveria tal como se tornou conhecido, justamente pelo que nele há de grosseiro e imperfeito. Inspirou-me, aos vinte e oito anos, o meu sentimento cristão sobreexcitado; e eu (...) aceitando sem exame tudo quanto a imaginação me oferecia, compus a “Velhice”, estrofe a estrofe, com o entusiasmo e a audácia de quem tivesse a verdade presa na mão.» Já numa nota das Prosas dispersas tinha escrito: «Eu tenho sido, devo declará-lo, muito injusto com a Igreja. A Velhice do Padre Eterno é um livro da mocidade. Não o escreveria já aos quarenta anos. (...) Contendo belas coisas, é um livro mau, e muitas vezes abominável.»

Guerra Junqueiro era muito mais um homem de palavras do que um homem de acção. Grande conversador, manipulava com enorme facilidade as imagens, fascinando os seus ouvintes. Era um espírito arrebatado, generoso, impulsivo, catalisador do Zeitgeist. Tudo isso, e também a popularidade da sua obra, nomeadamente a de natureza satírica, garantiram a Guerra Junqueiro uma consagração popular que poucos escritores terão alcançado em vida. Houve quem lhe chamasse “o poeta da Raça”. Foi traduzido para quase todas as línguas ocidentais. E, na sua morte, teve funerais nacionais para o Mosteiro dos Jerónimos.



Diversos escritores e pensadores se debruçaram sobre a sua figura humana, filosófica e literária, mas nem sempre são concordes nas suas apreciações, que variam entre a mais desabrida detracção e a admiração mais profunda. António Sérgio, no primeiro volume dos Ensaios, ao mesmo tempo que reconhece a capacidade versificatória de Guerra Junqueiro, faz uma crítica demolidora do que considera a incoerência e primarismo do seu pensamento. Vieira de Almeida contesta a própria arte poética de Junqueiro: «não é um artista, em nenhum dos sentidos da palavra.» Mas o controverso poeta também teve os seus defensores estrénuos, como Amorim de Carvalho, José Marinho e Mayer Garção. A meio caminho entre uma coisa e outra estão juízos mais moderados, como os de Teixeira de Pascoais, Leonardo Coimbra, Amorim de Carvalho e Jacinto do Prado Coelho.

EXCERTO DO POEMA “AOS SIMPLES”

Minha mãe, minha mãe! ai que saudade imensa,
Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti.
Caía mansa a noite; e andorinhas aos pares
Cruzavam-se voando em torno dos seus lares,
Suspensos do beiral da casa onde eu nasci.
Era a hora em que já sobre o feno das eiras
Dormia quieto e manso o impávido lebréu.
Vinham-nos da montanha as canções das ceifeiras,
E a Lua branca, além , por entre as oliveiras,
Como a alma dum justo, ia em triunfo ao Céu!...
E, mãos postas, ao pé do altar do teu regaço,
Vendo a Lua subir, muda, alumiando o espaço,





Eu balbuciava a minha infantil oração,
Pedindo ao Deus que está no azul do firmamento
Que mandasse um alívio a cada sofrimento,
Que mandasse uma estrela a cada escuridão.
Por todos eu orava e por todos pedia.
Pelos mortos no horror da terra negra e fria,
Por todas as paixões e por todas as mágoas...
Pelos míseros que entre os uivos das procelas
Vão em noite sem Lua e num barco sem velas
Errantes através do turbilhão das águas.
O meu coração puro, imaculado e santo
Ia ao trono de Deus pedir, como inda vai,
Para toda a nudez um pano do seu manto,
Para toda a miséria o orvalho do seu pranto
E para todo o crime o seu perdão de Pai!...

.....
A minha mãe faltou-me era eu pequenino,
Mas da sua piedade o fulgor diamantino
Ficou sempre abençoando a minha vida inteira
Como junto dum leão um sorriso divino,
Como sobre uma forca um ramo de oliveira!

Guerra Junqueiro, A velhice do Padre Eterno. – Porto : Lello & Irmão, s/data

